

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
LETRAS-TRADUÇÃO ESPANHOL

Alessandra Paula Rosa Rufino

**TRADUÇÃO CULTURAL:
DOMESTICAÇÃO E ESTRANGEIRIZAÇÃO
NAS TRADUÇÕES DE *DOIS IRMÃOS* PARA O ESPANHOL**

Brasília – DF

2021

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
LETRAS-TRADUÇÃO ESPANHOL

Alessandra Paula Rosa Rufino

**TRADUÇÃO CULTURAL:
DOMESTICAÇÃO E ESTRANGEIRIZAÇÃO
NAS TRADUÇÕES DE *DOIS IRMÃOS* PARA O ESPANHOL**

Projeto Final do Curso de Tradução,
apresentado como requisito parcial à
obtenção do grau de Bacharel em Letras-
Tradução Espanhol, pela Universidade de
Brasília (UnB).

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sandra María Pérez
López

Brasília – DF

2021

Rufino, Alessandra Paula Rosa

Tradução Cultural: Domesticação e Estrangeirização nas Traduções de *Dois Irmãos* para o Espanhol – Brasília, 2021, 44p.

Projeto Final de Curso (bacharelado) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, 2021.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sandra María Pérez López.

1. Cultura. 2. Tradução cultural. 3. *Dois Irmãos*. 4. Estrangeirização. 5. Domesticação.

Folha de aprovação

TRADUÇÃO CULTURAL: DOMESTICAÇÃO E ESTRANGEIRIZAÇÃO NAS
TRADUÇÕES DE *DOIS IRMÃOS* PARA O ESPANHOL

Projeto Final do Curso de Tradução, apresentado como
requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Letras-
Tradução Espanhol.

Área de Concentração: Tradução de Textos Literários.

Alessandra Paula Rosa Rufino

Projeto Final aprovado em: _____ / _____ / _____

Prof^a. Dr^a. Sandra María Pérez López
(Orientadora – LET/UnB)

Banca Examinadora: _____
Prof^a. Dr^a. Lily Martínez Evangelista

Banca Examinadora: _____
Prof^a. M. Sc. Magali de Lourdes Pedro

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família e amigos pelo suporte. À professora Sandra, pelo empenho e apoio como minha orientadora. A todos os professores e professoras que passaram pelo meu caminho até aqui, com uma lembrança especial àquelas que compuseram a banca de avaliação deste trabalho. E às mulheres do Coletivo R. L., pelo apoio emocional e incentivo.

RESUMO

O presente projeto tem por objetivo analisar, comparativamente, segundo escolhas adotadas por meio de domesticação ou estrangeirização, as duas traduções, para a língua espanhola, do livro *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, de 2003 e 2007, existentes na época de realização do trabalho. Para tanto, este estudo conta com o embasamento teórico de Schleiermacher, Venuti, Vermeer e Britto. Inicialmente, buscou-se apontar a relação existente entre cultura e tradução, a fim de compreender as influências que a complexidade cultural exerce no processo tradutório – sobretudo no texto literário. Com base nessas reflexões, apresenta-se um breve panorama acerca dos usos de domesticação e estrangeirização no contexto da tradução cultural. Em seguida, identificam-se os projetos das duas traduções a serem analisadas para, a seguir, proceder a uma seleção e análise de marcadores culturais, por meio de tabelas que dispõem em paralelo os vocábulos correspondentes do texto original (TO), da primeira tradução (TT1), e da segunda tradução (TT2). O estudo conclui que há tendência de uso da estratégia de estrangeirização na primeira tradução; e do uso de domesticação na segunda tradução – embora, de forma geral, ocorra certo equilíbrio entre as estratégias adotadas em ambas as traduções.

Palavras-chave: Cultura; Tradução cultural; *Dois Irmãos*; Estrangeirização; Domesticação.

RESUMEN

Este proyecto tiene como objetivo analizar, comparativamente, según las opciones adoptadas a través de la domesticación o la extranjerización, las dos traducciones, a la lengua española, del libro *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, de 2003 y 2007, existentes en el momento de realización de este trabajo. Para ello, este estudio cuenta con la base teórica de Schleiermacher, Venuti, Vermeer y Britto. Inicialmente, se señala la relación entre cultura y traducción, con el fin de comprender las influencias que la complejidad cultural ejerce en el proceso traductor – especialmente en los textos literarios. A partir de estas reflexiones, se presenta una visión general sobre los usos de la domesticación y de la extranjerización en el contexto de la traducción cultural. A continuación, se identifican los proyectos de las dos traducciones a analizar y, a continuación, se realiza una selección y análisis de marcadores culturales, a través de tablas que presentan en paralelo las palabras del texto original (TO), de la primera traducción (TT1) y de la segunda traducción (TT2). El estudio concluye que existe una tendencia a utilizar la estrategia de extranjerización en la primera traducción, mientras que la segunda traducción se inclina por la domesticación –aunque, en general, existe cierto equilibrio entre las estrategias adoptadas en ambas traducciones.

Palabras clave: Cultura; Traducción cultural; *Dois Irmãos*; Extranjerización; Domesticación.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1: A multiculturalidade como desafio tradutório.....	10
1.1 Cultura e tradução: traçando os campos	11
1.2 Transferência cultural: os desafios da tradução entre culturas no texto literário	13
1.3 <i>Dois Irmãos</i> : camadas entre o hegemônico e o(s) subalterno(s).....	16
CAPÍTULO 2: Uma discussão da tradução cultural em <i>Dois Irmãos</i>	21
2.1 Estrangeirização e domesticação: representações do estrangeiro em contexto multicultural	22
2.2 Perspectivas tradutórias nas traduções de Juana Inarejos e Adriana Kanzevolsky	23
2.3 Análise comparativa: as traduções segundo elementos “marcadores”	24
2.3.1 Topônimos e antropônimos	25
2.3.2 Outros substantivos.....	28
2.3.3 Vocabulário regional – elementos marcadores amazonenses e árabes.....	30
2.3.4 Vocabulário gastronômico.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39

INTRODUÇÃO

Os barcos, a correria na praia quando o rio secava, os passeios até o Careiro, no outro lado do rio Negro, de onde voltavam com cestas cheias de frutas e peixes. Ele e o irmão entravam correndo na casa, ziguezagueavam pelo quintal, caçavam calangos com uma baladeira. Quando chovia, os dois trepavam na seringueira do quintal da casa, e o Caçula trepava mais alto, se arriscava, mangava do irmão, que se equilibrava no meio da árvore, escondido na folhagem, agarrado ao galho mais grosso, tremendo de medo, temendo perder o equilíbrio. A voz de Omar, o Caçula: “Daqui de cima eu posso enxergar tudo, sobe, sobe”. Yaqub não se mexia, nem olhava para o alto: descia com gestos meticulosos e esperava o irmão, sempre o esperava, não gostava de ser repreendido sozinho. Detestava os ralhos de Zana quando fugiam nas manhãs de chuva torrencial e o Caçula, só de calção, enlameado, se atirava no igarapé perto do presidio. Eles viam as mãos e a silhueta dos detentos, e ele ouvia o irmão xingar e vaiar, sem saber quem eram os insultados: se os detentos ou os curumins que ajudavam as mães, tias ou avós a retirar as roupas de um trançado de fios nas estacas das palafitas. (HATOUM, 2000, p. 12-13)

O trecho acima, extraído do livro *Dois Irmãos*, descreve, com detalhe, o ambiente encontrado no romance escrito por Milton Hatoum – o cenário da Amazônia brasileira –, repleto de representações de fauna, flora e vocabulário típicos da região Norte do Brasil. A este cenário natural vem se somar a trajetória de uma família de descendentes árabes, panorama pelo qual Hatoum nos brinda toda a riqueza cultural que preenche as páginas de sua obra. Centrado no conflito de dois irmãos que se odeiam, passando por questões como a jornada do imigrante árabe em uma Manaus que atravessa a expansão comercial, retratando as características e hábitos de uma pequena sociedade burguesa da época descrita, *Dois Irmãos* nos transporta para um espaço de amor, evolução e determinação. Não à toa, o livro, publicado em 2000, ganhou importantes prêmios – eleito o melhor romance brasileiro entre 1950 e 2005¹ – e diversas adaptações, de história em quadrinhos a série de TV.

Tendo sido traduzido para doze idiomas², com ampla fortuna tradutória incentivada pelas trocas culturais presentes na narrativa, o livro tem sido objeto de diversas pesquisas nos Estudos da Tradução, que visam a analisar a temática da tradução cultural – assunto relacionado intimamente com este trabalho –, como a tese de doutorado de Costa (2016). Já no que se refere,

¹ Em pesquisa feita pelos jornais Correio Braziliense e O Estado de Minas. In: LUIZ, Lucas Silva da. História e ficção em Manaus do século XX: “Dois Irmãos”, de Milton Hatoum, 2020, p. 24. Disponível em: <http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/30388>. Acesso em: 4 jul. 2021.

² Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=00217>. Acesso em: 4 jul. 2021.

em concreto, aos trabalhos sobre a tradução de termos culturalmente marcados, outro dos temas que também dialogam diretamente com este estudo, podemos destacar a tese de Matar (2020) e um artigo de Frisene (2016).

Desta forma, levando-se em consideração a tradução cultural em consonância com a tradução literária em *Dois Irmãos*, o objetivo geral desta pesquisa é comparar duas traduções para a língua espanhola em função do texto original de Milton Hatoum, analisando elementos culturalmente marcados, para que possam ser categorizados em traduções estrangeirizadoras ou domesticadoras, de acordo com a classificação venutiana.

Para tanto, o presente trabalho tem por objetivos específicos:

a) Examinar a complexidade da tradução cultural no contexto de multiculturalidade encontrado em *Dois Irmãos*;

b) Analisar de forma comparativa elementos que se destacam como marcadores culturais, entre os quais topônimos e vocabulário regional, nas duas traduções para o espanhol da obra *Dois Irmãos*, a fim de verificar escolhas tradutórias no que diz respeito aos processos de estrangeirização e domesticação.

Com relação à metodologia adotada para o alcance dos objetivos propostos, buscou-se, como ponto de partida, descrever a relação existente entre cultura e tradução, para, logo após, problematizar o processo da tradução cultural no contexto literário. Em seguida, são analisados os vocábulos selecionados – por meio de cotejamento –, organizados em categorias, com relação à ocorrência de estrangeirização ou domesticação, comparando o texto original, em português, com a primeira tradução – publicada em 2003 – e com a segunda tradução – publicada em 2007.

Assim sendo, quanto à organização, este Projeto Final divide-se em dois capítulos, da seguinte maneira:

No capítulo 1, é feita uma contextualização acerca do significado e da representação da cultura nos Estudos da Tradução, a respeito da tradução cultural e literária, analisando possíveis dificuldades deste processo e pontuando as camadas culturais presentes na obra. Já no capítulo 2, é traçado um panorama relativo aos usos de estrangeirização e domesticação, além de serem apresentadas e contextualizadas as traduções e listados os termos selecionados, que são analisados em comparação com o original.

Assim, sem mais delongas, damos início ao presente trabalho, abordando, primeiramente, a multiculturalidade como fator relevante na problemática tradutória.

CAPÍTULO 1: A multiculturalidade como desafio tradutório

De acordo com o Dicionário *Online* de Português – Dicio –, o prefixo *multi-*, o qual faz parte do termo multiculturalidade, é um “elemento de composição de palavras que indica **muito**; do latim *multu*, ‘vários’”³, aqui lido como a existência de um local de encontro de culturas distintas dentro de um mesmo espaço, não de locais diversos. E esse contato, sem dúvidas, gera, pela sua própria existência, fenômenos culturais específicos. Em palavras de Ribeiro e Fleith (2018, p. 944): “Na perspectiva demográfica-descritiva reflete a existência de diversas raças ou etnias em uma sociedade, uma miscigenação cultural que produz significados sociais”.

Esses sentidos culturais, também potencialmente diversos, podem produzir níveis variados de miscigenação, em um encontro de culturas, mais, ou menos, pacífico e respeitoso. Nesse sentido, multiculturalidade, conforme Weissmann (2018, p. 23-24), “implica um conjunto de culturas em contato, mas sem se misturar: trata-se de várias culturas no mesmo patamar”, convivendo de forma harmônica. Esse termo compõe, assim, uma tríade com interculturalidade e transculturalidade, entendidos como a “convivência democrática entre diferentes culturas” (VASCONCELOS, 2007, p. 1) e as transformações decorrentes do contato entre essas culturas⁴, respectivamente.

Embora com frequência essa tríade seja usada em sentido lato, sem maiores distinções⁵, *multi-*, *inter-* e *transculturalidade* retratam, de fato, a complexidade que implica qualquer aproximação séria a questões culturais. Não por acaso o elemento “cultura” está no cerne do pensamento dos Estudos da Tradução contemporâneos, como se comentará, em linhas gerais, logo a seguir.

³ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/multi/>. Acesso em: 16 abr. 2020.

⁴ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/transcultural/>. Acesso em: 16 abr. 2020.

⁵ Veja-se Andreeva (2016), que recorre apenas a multiculturalismo para abordar a obra de Hatoum.

1.1 Cultura e tradução: traçando os campos

A definição da palavra “cultura” perpassa diferentes significados e contextos de uso, o que torna a tarefa de defini-la um trabalho extremamente complexo e difícil de restringir em um único conceito, pois:

Evoca interesses multidisciplinares, sendo estudada em áreas como sociologia, antropologia, história, comunicação, administração, economia, entre outras. Em cada uma dessas áreas, é trabalhada a partir de distintos enfoques e usos. Tal realidade concerne ao próprio caráter transversal da cultura, que perpassa diferentes campos da vida cotidiana. (CANEDO, 2009, p. 1)

Desde sua etimologia, do latim *culturae*: “ação de tratar”, “cultivar”⁶; seguida pela evolução histórica do termo, entre os séculos XVI e XX, o conceito de cultura foi adquirindo diferentes interpretações até apresentar-se na forma de uma das concepções mais utilizadas atualmente no âmbito dos estudos das Ciências Sociais: a concepção universalista, substanciada por Edward Burnett Tylor (1832-1917) - fundador da antropologia britânica (CANEDO, 2009, p. 3). Nas palavras de Tylor (1817), cultura é: “todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (apud CANEDO, 2009, p. 4).

Partindo-se da definição de cultura descrita por Tylor, com a percepção de que existem diferentes sociedades, que apresentam diferentes conhecimentos, crenças, costumes, etc., há, pois, vivências diversas de distintas culturas, qual seja, a variação cultural. Esta encontra-se frequentemente presente durante o processo tradutório, se pensarmos a tradução como importante ferramenta para a comunicação resultante da interação entre povos de diferentes culturas. Dessa forma, é de grande importância que o tradutor se atente a aspectos e contextos culturais que se apresentam ao longo de uma tradução.

O vínculo que existe entre tradução e cultura ganhou destaque, dentro dos Estudos da Tradução, após a “virada cultural” nos anos 1980, movimento em que o foco dessa área deixou de ser a Linguística e em que os teóricos começaram a pesquisar fenômenos relacionados aos Estudos Culturais (BRANCO, 2010, p. 2), disciplina voltada para questões relativas à identidade cultural. Segundo Agra (2007, p. 3):

⁶ Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/cultura/>. Acesso em: 5 maio 2020.

A cultura é um código simbólico através do qual mensagens são transmitidas e interpretadas. Entretanto, mais do que um código, a cultura é um cenário de composições e de orientações para o mundo embalado em símbolos e formas simbólicas. Por tudo isso, ao pensar em fazer um trabalho de tradução, o tradutor não deve levar em conta, somente a transcodificação da palavra, a equivalência de significado, mas sim, deve levar em conta os sentidos do autor, o contexto, o cenário a ser traduzido.

O conjunto de componentes descritos por Agra, os quais devem ser levados em conta durante o processo de tradução, exigem, por parte do tradutor, maior conhecimento acerca das culturas envolvidas nesse processo. Por consequência, advém a necessidade de conhecimento não apenas das línguas envolvidas no processo tradutório – língua de partida (idioma no qual é escrito o texto de partida, ou texto original) e língua de chegada (idioma para o qual se traduz o texto de chegada, ou texto traduzido), como também, e sobretudo, de conhecimentos alheios às culturas pertencentes, respectivamente, a cada uma dessas línguas e a esses textos (SILVA; SIQUEIRA, 2012, p. 82). Pois, a função da tradução:

É produzir um texto T1 que substitua um texto T, para que possa ser lido por pessoas que leem o idioma em que T1 foi escrito, mas não o idioma em que T foi escrito. Deve haver, pois, uma determinada relação de correspondência entre T e T1, para que a leitura de T1 possa ser considerada, até certo ponto e em muitas situações, como correspondendo a uma leitura de T, de tal modo que o leitor de T1 possa dizer, sem faltar com a verdade, que leu T. (BRITTO, 2012, p. 59)

Paralelos aos conceitos de língua de partida e língua de chegada, existem as definições de cultura de partida e cultura de chegada, inseridas por Vermeer na teoria do **escopos** (*Skopostheorie*). Ambas devem ser consideradas importantes durante a tarefa de tradução, pois, conforme Vermeer, “o ato de traduzir é uma ação humana, dotada de propósitos e intenções, e inevitavelmente inserida em um sistema cultural repleto de particularidades” (LEAL, 2006, p. 1).

Estas particularidades, presentes nos sistemas culturais, exigem do tradutor suficiente conhecimento de mundo, a fim de identificar características específicas de determinada cultura, além de competências extralinguísticas que o tornem capaz de optar pelas soluções mais adequadas durante a tradução do texto.

1.2 Transferência cultural: os desafios da tradução entre culturas no texto literário

Pensar no vínculo existente entre cultura e tradução de modo a ver esta como “ponte” para ligação entre diferentes culturas implica pensar a cultura como importante fator envolvido no processo tradutório. E, em se tratando de culturas diferentes e obras que têm em seu enredo a retratação de distintas culturas que convivem de forma mais ou menos harmoniosa, implica pensar o processo tradutório como **tradução cultural**, expressão: “originalmente utilizada por antropólogos do círculo de Edward Evans-Pritchard, para descrever o que ocorre em encontros culturais quando cada lado tenta compreender as ações do outro.” (LIMA, 2018, p. 12).

Dessa forma, os fatores culturais envolvidos no processo tradutório exigem mais do que uma transcodificação de léxico e gramática (AUBERT, 1995, p. 1) que nos remete à já mencionada teoria de escopos, descrita por Vermeer, também conhecida como “**transferência cultural**”, conceito recente que se tornou relevante em meados da década de 1970, na denominada Escola Funcional-Cultural dos Estudos da Tradução na Alemanha (AZENHA JÚNIOR, 2010, p. 38). A noção de “transferência cultural” ou teoria de escopos, em tradução:

Está associada a uma mudança de ponto de vista, a uma mudança de paradigma que, na historiografia dos Estudos da Tradução, ficou conhecida como “virada cultural”. Por força dessa mudança, o centro de interesse na reflexão sobre o traduzir e sobre a avaliação de traduções desloca-se de uma visão de tradução centrada na língua, cujas raízes remetem à passagem do séc. XVIII para o séc. XIX sistematizada pela influência do estruturalismo, para uma visão que, seguindo os passos da teoria da comunicação, concebe cultura como um fenômeno abrangente, que abarca todas as manifestações de um povo num ponto específico de um eixo espaço-tempo, estabelece uma relação de condicionantes recíprocas entre linguagem e cultura e inclui os elementos constitutivos da comunicação numa dada situação: emissor, receptor, meio entre outros (AZENHA JÚNIOR, 2010, p. 39).

Com a cultura tornando-se importante fator a ser considerado durante o processo tradutório, após a mudança de paradigma ocorrida durante a “virada cultural”, o olhar do tradutor passa a debruçar-se sobre o texto de chegada na medida em que trata de adequar o texto às convenções e às normas constantes da cultura de chegada – cultura receptora. Neste sentido, dentro das possibilidades de modificações necessárias na estrutura de um texto, para que este se torne inteligível ao leitor de outra cultura, encontramos com os seguintes questionamentos:

Como fazer uma tradução cultural? Quanto de uma cultura pode se exprimir em palavras?
Quanto de uma cultura pode ser comunicada através de palavras que nasceram em outra

cultura? Em que sentido a teoria da tradução pode ser aplicada a manifestações culturais que incluem, além do verbo, expressões que são produto de outras linguagens? (BORGES; NERCOLINI, 2002, n. p.)

Em reflexão às respostas destas questões, deparamo-nos com as dificuldades do processo tradutório que implica a tradução cultural – comumente vista na tradução de textos literários, mas não só. Neste tipo de tradução, que envolve os contextos inseridos nas culturas de partida e de chegada, bem como nas culturas presentes no enredo dos textos, há particularidades que podem estar no vocabulário empregado, nos dialetos e forma de falar das personagens, na descrição de tradições e costumes, etc. Todo este conjunto de variáveis culturais pode estar eventualmente ligado às dificuldades de tradução, bem como à descoberta de possíveis intraduzibilidades.

A intraduzibilidade diz respeito à particularidade de um termo ou expressão da língua de partida para o qual não existe expressão equivalente na língua de chegada. Catford (apud BUSTAMANTE, 2004, p. 59-60) classifica a intraduzibilidade em duas categorias: (1) a **intraduzibilidade linguística**, que ocorre quando “a língua de chegada não tem uma característica correspondente a outra característica na língua de partida” (como nas unidades léxicas ambíguas ou com múltiplos significados); e (2) a **intraduzibilidade cultural**, que ocorre “quando uma característica funcionalmente relevante na língua de partida não existe na cultura da qual forma parte a língua de chegada”⁷.

As intraduzibilidades são comumente encontradas nos textos literários – caracterizados por possuir função estética, poética e emotiva, utilizando-se de linguagem conotativa e polissêmica para reflexão e recriação da realidade⁸. Nesse gênero, pode haver predominância, justificável pela própria função textual, de elementos tais como expressões idiomáticas, construções frasais, trocadilhos, figuras de linguagem, etc., que podem gerar maior grau de dificuldade para o tradutor quanto à escassez ou inexistência de opções para traduzir uma unidade de tradução (relativa a aspectos culturais, por exemplo) presente no texto de partida, que não apresenta equivalente no texto de chegada. Essas e outras dificuldades que o tradutor pode encontrar durante o processo de tradução cultural, em um texto literário, dizem respeito à própria estrutura deste tipo de texto e a idiossincrasias do autor. Em outras palavras, a intraduzibilidade representa uma impossibilidade de tradução que, para Galindo (2018, p. 13),

⁷ A tradução é nossa. No original: “cuando una característica funcionalmente relevante en la lengua original no existe en la cultura de la cual forma parte la lengua terminal”. In: BUSTAMANTE, Cecilia Mafla. *Arí - sí - yes: análisis lingüístico y evaluación de las traducciones de Huasipungo al inglés*. 1 ed. Quito: Abya-Yala, 2004, p. 60.

⁸ Disponível em: <https://www.normaculta.com.br/texto-literario-e-nao-literario/>. Acesso em: 28 jul. 2020.

quando relacionada a uma determinada obra literária, é possível basear-se em qualquer uma das seguintes premissas:

- (1) de que aquela determinada obra tem um conjunto de características que impossibilitam sua tradução, malgrado a traduzibilidade típica do texto literário; (2) de que há algo de específico a todo texto literário, que garante *in limine* sua intraduzibilidade; (3) de que na verdade a intraduzibilidade é característica de todo e qualquer enunciado (literário ou não); (4) de que a intraduzibilidade decorre no fundo da incompreensibilidade/incomunicabilidade que subjaz a toda e qualquer tentativa de linguagem.

Baseando-nos nessas premissas e sabendo das características inerentes aos textos literários – quanto à estrutura e idiossincrasia do autor, como já mencionado –, é possível tecer uma relação literária que “se concebe habitualmente como uma relação tríade entre o autor, a obra e o leitor”, como bem descrevem Schnell e Rodríguez (2009, p. 264), enunciada por Vermeer como a relação autor-tradutor-leitor.

Diante desses aspectos, há maiores e menores obstáculos relacionados à intraduzibilidade a serem superados pelo tradutor, dentro dos textos literários, pois, com relação a este tipo de texto, não é o bastante que o texto de chegada signifique o mesmo que o texto de partida. O estilo do texto de partida deve ser imitado no texto de chegada, “o que implica que várias características do plano do significante terão de ser recriadas: sintaxe, registro linguístico (ou seja, grau de formalidade/coloquialidade da linguagem)” (BRITTO, 2012, p. 59), mas também a ancoragem cultural do texto, em uma ou várias culturas ao mesmo tempo, relacionadas entre si, ainda, de formas e com hierarquizações potencialmente diversas.

Para superar tais dificuldades, é necessário que o tradutor seja capaz de perceber a presença desses elementos particulares aos textos de partida, com o propósito de orientar-se com relação às melhores decisões a serem adotadas no texto de chegada. Quanto a este processo, Nord (1991, apud LEAL, 2006, p. 2) apresenta um modelo de análise textual com a finalidade de:

Estabelecer a função do texto de partida dentro da cultura de partida, para então compará-la à provável função do texto de chegada na cultura de chegada e, por fim, identificar tanto os elementos que serão preservados, quanto aqueles que serão adaptados na tradução.

Sendo assim, baseando-se em dois importantes fatores: (1) os fatores extratextuais, que se referem às condições nas quais o texto foi produzido; e (2) os fatores intratextuais, que se referem ao texto em si, temos que:

Fatores extratextuais incluem o produtor e o emissor do texto e suas intenções, o receptor, o meio através do qual o texto é veiculado, o tempo e o local da comunicação, o motivo para a produção do texto e a função textual. Os fatores intratextuais, por sua vez, incluem o estilo, tema e conteúdo do texto, além das suas pressuposições, hierarquias textuais, macro e microestrutura, elementos não-verbais, léxico, estrutural frasal e fonologia (LEAL, 2006, p. 3).

Para a tradução cultural, a utilização, como ponto de partida, de uma metodologia como o modelo de análise textual proposto por Nord, pode mostrar-se útil à medida que as questões relacionadas aos fatores analisados tornam possível “dar conta das peculiaridades de cada texto, norteando e vinculando as decisões tradutórias umas às outras” (LEAL, 2006, p. 3). É em função disso que passamos, logo a seguir, a apresentar o crisol cultural que subjaz à obra aqui em análise: *Dois Irmãos*.

1.3 *Dois Irmãos*: camadas entre o hegemônico e o(s) subalterno(s)

Como comentado na introdução, a obra, escrita por Milton Hatoum, constitui uma narrativa que retrata as experiências vividas pela família de que formam parte Yaqub e Omar, gêmeos nascidos na cidade de Manaus, irmãos de Rânia e filhos do casal de imigrantes libaneses Halim e Zana. O drama familiar gira em torno da relação conflituosa existente entre os gêmeos, a qual tem origem ainda durante a infância e adolescência quando a mãe, Zana, sempre demonstrou predileção ao gêmeo caçula, Omar. O relacionamento entre os dois tem seu grande marco quando, em um evento na casa dos vizinhos – os Reinoso –, Omar ataca seu irmão, Yaqub, usando uma garrafa, motivado pelos ciúmes que sente de Lívica, sobrinha dos Reinoso. A partir de então, intensificam-se as situações de disputa e distanciamento entre os irmãos, momento em que os pais decidem por enviar Yaqub para viver uma temporada no Líbano, com o fim de acalmar os ânimos dos irmãos e fazê-los esquecer o acontecimento.

Na volta à Manaus, após cinco anos vivendo no sul do Líbano, em virtude do contato com uma cultura muito distinta daquela em que estava inserido na cidade natal, Yaqub, por não se ajustar e não se sentir acolhido pela família, decide então partir para São Paulo, com vistas a investir em sua carreira, passando longos períodos longe do convívio familiar, visitando raras vezes a casa dos pais; enquanto Omar aproveita-se do excesso de cuidados da mãe para continuar vivendo sem grandes responsabilidades.

Os episódios que ocorrem na vida da família, ao longo dos anos, são narrados por Nael, filho fruto de violência sexual cometida por Omar contra Domingas, a empregada da casa. Nael é narrador e também personagem, o qual, pela perspectiva de sua própria vivência como observador, relembra e reconstrói todos os fatos, cenários e situações que antecedem a decadência da família, introduzida no prólogo do romance.

Sob o pano de fundo do drama familiar, Hatoum nos apresenta importantes fatores históricos e sociais da sociedade brasileira da época, como a situação econômica descrita, com foco no Brasil dos anos 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, quando o porto do Rio de Janeiro estava “apinhado de parentes de pracinhas e oficiais que regressavam da Itália” (HATOUM, 2000, p. 10). Dentro desse contexto, o olhar se volta, sobretudo, à imigração árabe para a região amazônica durante o século XX, no conhecido ciclo da borracha, período em que a região atraía grande contingente de estrangeiros que vinham em busca de melhores condições de vida, fugindo também das crises que afetavam a Europa e o Oriente Médio durante o final do século XIX e início do século XX (ASSIS, 2012, p. 154-155). As populações árabes que imigraram para o Brasil nesse período, em especial, para a cidade de Manaus – entre elas, sírios e libaneses – são representadas, principalmente, nas figuras de Halim e Zana, como personagens dotados de identidades individuais e coletivas com referência a “uma série de aspectos que incidem sobre a sua identificação com o país de origem e o país de acolhimento” (ANDREEVA, 2016, p. 61).

Outro ponto importante com relação aos deslocamentos populacionais pelo espaço geográfico está associado à migração de populações da região Norte do Brasil para a região Sudeste, movimento com frequência realizado durante o século XX, devido ao desenvolvimento da economia cafeeira (ASSIS, 2012, p. 154-155). Essa migração é representada com a ida de Yaqub à cidade de São Paulo, nos anos 1950, época em que a cidade passava pelos “ecos da modernização que surgia na região sudeste do país” (BORGES, 2010, p. 74).

A trajetória de Yaqub de Manaus para o Líbano, do Líbano para Manaus e de Manaus para São Paulo é sintomática de sua necessidade de galgar os espaços, de não ter casa fixa, de desapegar-se de suas origens materiais, para não voltar a viver a “brusca separação [...] de seu mundo” (ASSIS, 2012, p. 168).

Desta forma, ao longo de toda a narrativa, à medida em que Nael nos contextualiza quanto aos acontecimentos vividos pela família – desde o início do romance entre Halim e Zana, que tem como cenário o restaurante *Biblos*, de Galib, pai de Zana, até o último suspiro da

matriarca da família que, em seu leito de morte, pergunta pela reconciliação dos filhos –, vamos tendo contato com a descrição de diferentes cenários que nos remetem aos elementos culturais típicos de cada uma das localidades retratadas nos deslocamentos das personagens:

A presença da cultura material e espiritual (culinária, objetos e artefactos, obras de arte, textos, etc.) dos seus países de origem em confronto, coexistência ou fusão com a cultura do país de acolhimento; as tradições e as crenças religiosas; os padrões de relacionamento familiar e afetivo; a vivência psicológica da diáspora nas gerações dos adultos e das crianças pela conservação/perda da memória das origens; a preservação ou transformação da linguagem das origens em contacto com outras linguagens; afinal, a presença ou ausência de um diálogo entre as diferentes culturas (ANDREEVA, 2016, p. 61-62).

Além da representação da cultura árabe dos imigrantes radicados, temos também contato com a representação da cultura local, amazonense, na figura de Domingas – “vista como indígena aculturada que ocupa uma posição servil em relação aos demais personagens, e que tem sua identidade desconstruída, à medida que se insere nessa situação de servidão” (KRAESKI; MANTOVANI, 2019, p. 215), em um conceito herdado do colonialismo – e de seu filho, Nael, que apesar dos laços sanguíneos com a família, tem seu grau de parentesco negado.

Estes elementos culturais, descritos sob a ótica de diversos cenários específicos e regionais, geram uma sobreposição de camadas culturais que deixam suas marcas no texto, agregando à narrativa “o desejo de junção dos pedaços de identidade (libanesa, árabe, brasileira, amazonense) dispersos pela cidade de Manaus” (ASSIS, 2012, p. 154). As camadas são como uma malha cultural variada e típica, baseada na inter-relação entre imigrantes, estrangeiros e nativos, que estabelecem relações de identidade (PELLEGRINI, 2004, p. 128). Essas relações estão presentes nas mais variadas situações, como no restaurante *Biblos*:

Desde a inauguração, o Biblos foi um ponto de encontro de imigrantes libaneses, sírios e judeus marroquinos que moravam na praça Nossa Senhora dos Remédios e nos quarteirões que a rodeavam. Falavam português misturado com árabe, francês e espanhol, e dessa algaravia surgiam histórias que se cruzavam, vidas em trânsito, um vaivém de vozes que contavam um pouco de tudo: um naufrágio, a febre negra num povoado do rio Purus, uma trapaça, um incesto, lembranças remotas e o mais recente: uma dor ainda viva, uma paixão ainda acesa, a perda coberta de luto, a esperança de que os caloteiros saldassem as dívidas. Comiam, bebiam, fumavam, e as vozes prolongavam o ritual, adiando a sesta. (HATOUM, 2000, p. 31).

Dentre essas camadas culturais que se entrecruzam na obra, podemos notar a presença definida de pelo menos três: (1) a amazonense (manauara) – cultura do espaço específico em

que se instala a família vinda do Líbano, com características dos hábitos da população local, descrição de cenários, gastronomia, vocabulário regional etc.; (2) a cultura árabe (libanesa), cultura de origem da família, também presente na descrição de cenários, gastronomia, vocabulário típico e tradições; e (3) uma camada relativa à cultura e costumes brasileiros no geral, como a que vemos nas referências à cidade de São Paulo, ou, implicitamente, na própria existência da língua, o português do Brasil, na sua norma culta, em que o romance foi redigido, bem como nos hábitos da família que dizem respeito a costumes coloniais, como ter a figura da empregada doméstica, escrava moderna que tem como recompensa apenas o lugar para morar e a alimentação.

A cultura da cidade de Manaus, bem como as outras características culturais brasileiras, além da cultura árabe, são demonstradas por toda a utilização de vocabulários típicos e pela descrição de determinados costumes, que funcionam como marcadores culturais. Ancorados em algum dos contextos em questão, as personagens desenvolvem suas relações, convivendo nas diferentes culturas, tornando presentes traços de todas elas, sem que necessariamente se misturem. A relação entre essas culturas também demonstra um certo grau de hierarquia, na medida em que determinados elementos culturais descritos na narrativa têm mais, ou menos, espaço nas demonstrações dessas relações, tanto no que diz respeito aos vocabulários típicos empregados com maior frequência no texto, quanto na própria relação dessas culturas entre si, na qual elementos culturais se sobrepõem a outros, fazendo com que sejam vistos com maior destaque e assumindo um caráter predominante. Frente a eles, os elementos abordados com menor destaque tendem, conseqüentemente, a assumir um caráter que pode ser considerado subalterno dentro deste contexto.

Esse encadeamento de culturas, hierarquizado até certo ponto, caracteriza a presença de multiculturalidade, que para a antropóloga María Laura Méndez (apud WEISSMANN, 2018, p. 24), é um “conceito que supõe muitas culturas, entre as quais há uma cultura que é hegemônica”. Por outro lado, é possível considerar, também, a presença de interculturalidade em *Dois Irmãos*, pois a relação que ocorre entre os grupos sociais envolvidos implica certo grau de tolerância e intercâmbio entre as culturas envolvidas (ALBÓ, 2004, p. 47-48).

Assim, para observar em detalhe, no contexto pesquisado, os contornos que assume o contato tradutório das camadas culturais que caracterizam essas relações culturais, o olhar se voltará, no capítulo a seguir, para a seleção e comentário de elementos marcadores relevantes

no texto, que são também os grandes destaques a serem analisados e levados em conta no processo de tradução.

CAPÍTULO 2: Uma discussão da tradução cultural em *Dois Irmãos*

O processo de tradução de um texto multicultural implica não somente o conhecimento, por parte do tradutor, da cultura ligada à língua de partida e à língua de chegada, como também, e sobretudo, conhecimento acerca das culturas retratadas naquele texto – não necessariamente só duas –, de suas representações intratextuais e das relações que todas essas redes mantêm entre si.

Neste cenário, desponta a complexidade do processo de tradução literária, partindo-se do pressuposto de que o tradutor literário não somente está atento aos elementos culturais que se apresentam ao longo do texto e à sua presença intratextual, como também às suas escolhas dentro deste processo. Nele, faz-se necessário que o tradutor opte pelo emprego de estratégias que lhe permitam tornar o texto inteligível ao novo leitor, como o é para o leitor original, ao passo que mantém, ao menos em parte, os elementos culturais que se destacam no texto. O tradutor visará, então, a reproduzir o efeito do texto na outra língua da forma mais fiel possível, procurando não causar qualquer tipo de estranhamento essencialmente distinto ao do leitor original.

As estratégias adotadas para a construção do espaço de diálogo entre as línguas envolvidas na tradução literária devem garantir, ainda, que não somente o sentido geral do texto seja reproduzido, mas também as características do estilo do autor (BRITTO, 2012, p. 69). Desta forma, faz-se necessário que o tradutor literário encontre maneiras de manter o equilíbrio entre as adaptações que precisa fazer na tradução e o estilo de escrita do autor.

Na elaboração desses espaços de tensão, Beatriz Sarlo (2002, p. 50, apud BORGES; NERCOLINI, 2002, n. p.) afirma que as traduções criam uma linguagem artificial entre a língua de chegada e a língua de partida, buscando alcançar a cultura do outro em várias dimensões. Desta forma, o tradutor cultural não apenas trabalha para que uma outra cultura seja recebida, mas também que seja compreendida pelo outro, o que acaba por criar um terceiro espaço entre as duas culturas em questão, um espaço entrelaçado que facilita o diálogo entre elas. Este diálogo é estabelecido por meio da adoção de diferentes estratégias tradutórias, entre as quais se destacam aquelas que podem dar mais visibilidade à cultura da língua de chegada ou à cultura da língua de partida: a estrangeirização e a domesticação, sobre as quais se aprofundará no item a seguir.

2.1 Estrangeirização e domesticação: representações do estrangeiro em contexto multicultural

No ensaio intitulado “Sobre os diferentes métodos de tradução”, Schleiermacher ([1813] 2001, p. 27, apud WIDMAN; ZAVAGLIA, 2017, p. 96) descreve a tarefa de traduzir como aquela em que “ou o tradutor deixa o escritor em paz e leva o leitor até ele, ou deixa o leitor em paz e leva o autor até ele”. Essa frase pode ser entendida como a possibilidade de se adotarem práticas tradutórias que mantêm as particularidades do texto original, ou seja, da cultura de partida – e assim levar o leitor até o escritor -, ou práticas que adaptam o conteúdo à cultura de chegada – levando, deste modo, o autor até ele. Durante este processo, é criada uma relação que, para Vermeer (1986, p. 146), pode ser descrita como a tríade autor-tradutor-leitor, pois:

Ao escrever sua obra, o autor realiza uma interpretação de seu mundo. Por sua vez, o leitor interpreta a interpretação desta. (...) O tradutor é um leitor que tenta configurar linguisticamente com seus próprios meios o que ele mesmo interpretou dessas interpretações⁹ (apud SCHNELL; RODRÍGUEZ, 2009, p. 264).

Para expressar esta interpretação com unidades de outra língua, métodos comumente utilizados, notáveis com frequência na tradução cultural, são a domesticação e a estrangeirização, termos popularizados por Venuti (1995) para se referir, respectivamente, “às práticas tradutórias que ocultam as diferenças culturais, adaptando tudo à cultura de chegada, e àquelas que mantêm a estranheza do texto original e da cultura de partida, deixando transparecer a origem estrangeira do texto” (FRANCISCO, 2014, p. 93).

A tradução domesticadora trabalha como uma estratégia de fluência, por meio de “redução etnocêntrica do texto estrangeiro aos valores da cultura receptora” (VENUTI, 1995, p. 20, apud WIDMAN; ZAVAGLIA, 2017, p. 98), aproximando, assim, o autor ao leitor. Ao utilizar-se da redução etnocêntrica para esta aproximação do texto estrangeiro aos valores da cultura receptora, o tradutor pode, a depender do grau em que a utilize, suprimir a alteridade do texto. Neste sentido, a domesticação, embora torne o texto mais fluente e palatável ao leitor, fornecendo um contexto familiar, pode acabar por subjugar o texto ao deixar de lado sua estrangeiridade. Em contrapartida, a tradução estrangeirizante dá ênfase às diferenças culturais

⁹ A tradução é nossa. No original: “Al escribir su obra, el autor realiza una interpretación de su mundo. A su vez, el lector interpreta la interpretación de la misma. [...] El traductor es un lector que intenta configurar lingüísticamente con sus propios medios lo que él mismo ha interpretado de esas interpretaciones.”.

e aproxima o leitor ao autor, ao mesmo tempo que os distancia culturalmente, podendo causar estranhamento na percepção do leitor sobre o texto (WIDMAN; ZAVAGLIA, 2017, p. 98).

No contexto de uma tradução multicultural, a domesticação pode representar fator de subordinação a culturas hegemônicas – caso notável na tendência à domesticação na França do século XVII, que exercia forte influência sobre toda a Europa. Já a utilização da estrangeirização, dentro deste mesmo contexto, pode enriquecer um idioma, com a exposição a conceitos e recursos novos. Mas, ainda que possam ser interpretadas como oposições extremas, Britto (2012, p. 61-62) afirma que “essas duas estratégias, na verdade, representam mais um par de ideais absolutos inatingíveis; na prática, o que sempre fazemos é (...) adotar posições intermediárias entre os dois extremos.”

A respeito da tradução literária no contexto multicultural, tendo como base de comparação a adoção destas duas estratégias, tomaremos como objeto de análise duas traduções para a língua espanhola do livro *Dois Irmãos*. Nelas, é possível notar a presença de elementos culturais marcantes, aqui traços multiculturais que sobressaem ao longo da narrativa, os quais chamaremos de “marcadores culturais” – que consistem em “elementos textuais, que estão dotados de uma carga cultural ou de conotações específicas na cultura de origem” (Soares, 2013, p. 18). Para refletir sobre seu tratamento, utilizaremos o princípio da tradução literária, enunciado por Meschonnic, “traduzir o marcado pelo marcado, o não marcado pelo não marcado”, no qual os conceitos de “marcado” e “não marcado” – introduzidos por Roman Jakobson – podem ser entendidos como “desviante” e “padrão”, respectivamente (apud BRITTO, 2012, p. 67).

2.2 Perspectivas tradutórias nas traduções de Juana Inarejos e Adriana Kanzepolsky

Dois Irmãos teve sua primeira tradução para o espanhol realizada pela tradutora espanhola Juana Inarejos e publicada em 2003, para todos os países de língua hispana. Em 2007 o livro foi novamente traduzido, desta vez pela tradutora argentina Adriana Kanzepolsky, e publicado como parte do Programa de apoio à tradução de obras da literatura brasileira contemporânea. O projeto, hoje denominado Programa de Apoio à Tradução e Publicação de Autores Brasileiros no Exterior, é patrocinado pela Embaixada do Brasil em Buenos Aires e está destinado a editoras estrangeiras interessadas na publicação de autores brasileiros, para

tradução ou reedição de obras brasileiras já traduzidas¹⁰. Podemos notar, claramente, que cada tradução foi feita por um motivo distinto; portanto, houve diferença na finalidade das duas traduções: a primeira teve como público-alvo pessoas de todos os países de língua espanhola, enquanto a segunda se destinou especificamente a uma coletânea.

Essa diferença de finalidades é fator importante a ser considerado no que diz respeito às escolhas adotadas pelas tradutoras. Reiss e Vermeer (1996, p. 80) apontam a finalidade como princípio dominante na tradução, função essa diretamente ligada às tomadas de decisão do tradutor (apud ROSAS, 2003, p. 145). Desta forma, as escolhas adotadas nas duas traduções podem ter sido influenciadas para o alcance dessa finalidade, de modo que, analisando-as comparativamente, poderemos notar tendências divergentes em cada uma delas. Trata-se de características linguísticas e culturais relacionadas com vocabulários tipicamente empregados por cada tradutora, que se percebem para além do fato de ambas serem influenciadas por aspectos culturalmente arraigados da obra – como traços dialetais do Norte do Brasil e do Líbano –, fatores também importantes para as escolhas de vocabulário e as estratégias adotadas pelas duas tradutoras.

2.3 Análise comparativa: as traduções segundo elementos “marcadores”

Dois Irmãos é uma obra em que podem ser destacadas, a efeitos de análise, características culturais brasileiras, de modo geral, amazonenses e árabes, como traços dialetais para cuja abordagem as tradutoras adotaram diferentes estratégias tradutórias – principalmente a domesticação e a estrangeirização. Estas estratégias serão utilizadas como parâmetro de análise comparativa sobre as decisões tomadas em cada uma das traduções, no que diz respeito especificamente a marcadores culturais que podem ser identificados no texto original (o qual chamaremos aqui de TO), como topônimos, antropônimos e certos substantivos relacionados à cultura árabe ou à cultura brasileira e amazonense, especificamente, os quais analisaremos a seguir em termos do seu tratamento nos textos traduzidos (TT, doravante). A efeitos de notação, as traduções de Juana Inarejos e Adriana Kanzepolsky serão denominadas, respectivamente, TT1 e TT2. Finalmente, apenas a efeitos de visualização, vale ressaltar que aparecem

¹⁰ Disponível em: <https://www.bn.gov.br/es/explorar/programas-de-apoyo/programa-apoyo-la-traduccion-y-publicacion-autores>. Acesso em: 6 maio 2021.

sombreadas as ocorrências em que não existe nenhuma diferença entre TO e TT1 e/ou TT2, nem sequer ortográfica (inclusive, de acentuação).

2.3.1 Topônimos e antropônimos

Como ilustra a tabela a seguir, ambas as traduções mantêm os topônimos árabes exatamente como aparecem no TO, mas o mesmo não acontece com os que aparecem nele em português. No TT1, predomina a domesticação na tradução dos nomes de cidades, bairros e localizações em português, que foram, em sua maior parte, literalmente traduzidos – estratégia adotada, talvez, porque a tradução se destinava a todos os países de língua espanhola. Por sua vez, no TT2 destaca-se a estrangeirização nas mesmas denominações, como podemos ver nos seguintes exemplos:

Tabela 1 – Topônimos

TO	TT1	TT2
Manaus (p. 8)	Manaus (p. 11)	Manaos (p. 11)
Biblos (p. 8)	Biblos (p. 11)	Biblos (p. 11)
Praça Mauá (p. 10)	Plaza París (p. 14)	Plaza <i>Mauá</i> (p. 13)
Cinelândia (p. 10)	Cinelandia (p. 14)	<i>Cinelândia</i> (p. 14)
Praça Nossa Senhora dos Remédios (p. 14)	Plaza Nuestra Señora de los Remedios (p. 20)	Plaza <i>Nossa Senhora dos Remédios</i> (p. 20)
Seringal Mirim (p. 18)	Cauchal Mirim (p. 25)	<i>Seringal Mirim</i> (p. 27)
Praça da Saudade (p. 22)	Plaza de la Saudade (p. 32)	Plaza <i>da Saudade</i> (p. 34)
Galinheiro dos Vândalos (p. 24)	Gallinero de los Vândalos (p. 35)	<i>Galinheiro dos Vândalos</i> (p. 38)
São João (p. 39)	São Paulo (p. 56)	Calle <i>São João</i> (p. 64)
Jabal al Qaraqif (p. 40)	Jabal al Qaraqif (p. 59)	Jabal al Qaraqif (p. 66)
Jabal Haous (p. 40)	Jabal Haous (p. 59)	Jabal Haous (p. 66)
Jabal Laqlouq (p. 40)	Jabal Laqlouq (p. 59)	Jabal Laqlouq (p. 66)

Nestes exemplos, podemos notar que a tradutora do TT2 optou por mudar a grafia da palavra Manaus, o topônimo em português mais conhecido dentre os mencionados, com

frequência citado assim. De fato, sobre sua escrita, o *Diccionario Panhispánico de Dudas* prescreve o seguinte¹¹:

Manaos. Forma tradicional española del nombre de esta ciudad del noroeste de Brasil: «*Al bajar del avión en Manaos, sintieron el clima sobre la piel como una toalla empapada en agua caliente*» (Allende *Ciudad* [Chile 2002]). No hay razón para sustituir esta forma tradicional por la actual *Manaus* usada en portugués.

A existência de uma prescrição específica em espanhol para a escrita de Manaus pode explicar o contraste de tratamento desse topônimo em comparação com os outros citados acima, para os quais a tradutora optou por manter a grafia original, destacando-os ainda em itálico.

Já com relação ao TT1, a tradução de “São João” – que aparece como nome de uma rua em “os cinemas da São João” (HATOUM, 2000, p. 39) – chama a atenção, tendo a tradutora escolhido traduzir o trecho como “*los cines de São Paulo*”. Em contrapartida, no TT2, a tradutora preferiu manter a alusão à rua, à cidade apenas implicitamente, realizada na língua de partida, mas acrescentando antes o substantivo “*calle*”, talvez como forma de fornecer ao leitor um contexto micro mais detalhado, mas menos referências macro. Outro aspecto que chama a atenção e que pode causar certo estranhamento é a escolha adotada no TT1 no trecho em que é citada a “Praça Mauá”, traduzida como “*Plaza París*”, opção muito diferente da designação apresentada no TO, como podemos notar a seguir:

TO - “Saíram da **praça Mauá** abraçados e **foram até a Cinelândia.**” (HATOUM, 2000, p. 10).

TT1 - “Salieron del **embarcado** abrazados, **atravesaron la plaza París y la calle del Catete y fueron hasta la Cinelandia.**” (INAREJOS, 2003, p. 14).

Trata-se, portanto, de uma tradução que se distingue claramente do que é apresentado no TO, pois a tradutora opta por suprimir a Praça Mauá, mencionando em seu lugar o “*embarcado*”. Além desta substituição, ela também cita a Praça Paris e a rua do Catete, acrescentando mais informações à tradução do trecho. E, apesar da escolha poder ser justificada pelo fato de a Praça Paris e a rua do Catete serem localidades relativamente próximas à Cinelândia, são locais que compõem um caminho diferente até o destino citado no trecho, o que poderia ser considerado não apenas uma domesticação, mas uma adaptação.

¹¹ Disponível em: <https://www.rae.es/dpd/Manaos>. Acesso em: 22 jun. 2021.

Quanto aos antropônimos, sejam árabes ou em português, todos são mantidos com a mesma grafia do TO nas duas traduções. Isso acontece mesmo naqueles casos em que haveria uma escrita disponível em espanhol, mesmo que com modificações mínimas, pois apenas de acentuação, como em Rânia ou Lívia. Há, contudo, casos em que, por coincidência, a escrita coincide em espanhol e em português, pelo qual não se pode afirmar que isto ocorre, nem que não. É o que acontece em Omar ou em Reinoso. Tudo isso aparece ilustrado na tabela seguinte:

Tabela 2 – Antropônimos

TO	TT1	TT2
Zana (p. 11)	Zana (p. 11)	Zana (p. 11)
Omar (p. 11)	Omar (p. 11)	Omar (p. 11)
Halim (p. 11)	Halim (p. 11)	Halim (p. 11)
Yaqub (p. 13)	Yaqub (p. 13)	Yaqub (p. 13)
Reinoso (p. 18)	Reinoso (p. 18)	Reinoso (p. 19)
Sultana Benemou (p. 18)	Sultana Benemou (p. 18)	Sultana Benemou (p. 19)
Rânia (p. 19)	Rânia (p. 19)	Rânia (p. 19)
Domingas (p. 19)	Domingas (p. 19)	Domingas (p. 20)
Lívia (p. 19)	Lívia (p. 19)	Lívia (p. 19)
Estelita (p. 23)	Estelita (p. 23)	Estelita (p. 24)
Zahia (p. 25)	Zahia (p. 25)	Zahia (p. 27)
Nahda Talib (p. 25)	Nahda Talib (p. 25)	Nahda Talib (p. 27)
Galib (p. 45)	Galib (p. 45)	Galib (p. 50)
Abbas (p. 46)	Abbas (p. 46)	Abbas (p. 51)
Cid Tannus (p. 47)	Cid Tannus (p. 47)	Cid Tannus (p. 53)
Zoraier (p. 51)	Zoraier (p. 51)	Zoraier (p. 57)
Pau-Mulato (p. 129)	Pau-Mulato (p. 129)	Pau-Mulato (p. 145)
Rochiram (p. 217)	Rochiram (p. 217)	Rochiram (p. 244)
Nael (p. 231)	Nael (p. 231)	Nael (p. 260)

Como podemos notar pelos exemplos, há a presença de estrangeirização e domesticação em ambas as traduções, o que ratifica a afirmação de Britto (2012) em relação à existência de um certo equilíbrio na utilização das duas estratégias em uma mesma tradução. No que se refere aos substantivos árabes, estes são mantidos sem alteração nas duas traduções; já quanto aos substantivos em português (brasileiros e regionais), eles são domesticados no TT1 e estrangeirizados no TT2. Em ambos os casos, reforça-se a presença do estrangeiro, como no conflito cultural da obra, entre o *eu* e o *outro* (ASSIS, 2012, p. 153). Nesse sentido, no Outro-

estrangeiro, há predominância do "Outro-árabe" nas duas traduções, em se tratando de topônimos; e uma predominância, até certo ponto, do “Outro-brasileiro/amazonense” no TT1, frente a uma predominância muito maior deste no TT2, já que nele a tradutora opta por estrangeirizar a maior parte dos vocábulos.

2.3.2 Outros substantivos

Com relação a outros substantivos que podemos considerar elementos marcadores, destacam-se nomes de espécies animais e de plantas, além de cenários naturais, como nos seguintes exemplos:

Tabela 3

TO	TT1	TT2
Seringueira (p. 8)	Seringueira (p. 11)	Gomero (pp. 11)
Açucenas-brancas (p. 8)	Azucenas blancas (p. 11)	Azucenas blancas (p. 11)
Helicônias (p. 11)	Heliconias (p. 15)	Heliconias (p. 16)
Igarapés (p. 12)	Canales (p. 16)	Igarapés (p. 17)
Calangos (p. 12)	Calangos (p. 17)	Borriqueros (p. 17)
Oitizeiros (p. 14)	Oitís (p. 20)	Oitíes (p. 21)
Batuíras (p. 47)	Revuepiedras (p. 70)	Jacaveres guasu (p. 78)
Jaçanãs (p. 47)	Cochigatos (p.70)	Jacanas (p. 78)
Papa-açaí (p. 84)	Papa-açaí (p. 125)	Cotinga (p. 141)

Observando os exemplos, podemos notar que, tanto no TT1 quanto no TT2, parece haver um equilíbrio nas escolhas de domesticação e estrangeirização.

Na tradução do substantivo “seringueira”, a tradutora do TT1 optou pela estrangeirização, mantendo-o, com a mesma grafia, no texto de chegada. Porém, preferiu não seguir a mesma escolha no substantivo derivado: “seringueiros” – apresentado no TO como “ex-seringueiros” (HATOUM, 2000, p. 16), tendo-o traduzido como “*ex colectores de caucho*”, adotando a domesticação. Ela decide também pela domesticação na tradução de “igarapé”, palavra indígena de origem tupi¹², resolvida com um substantivo equivalente na língua de chegada. Já na tradução de “calangos” houve estrangeirização, conservando-se o termo. Em contrapartida, no TT2 predominam as domesticações nos trechos em questão.

¹² Disponível em: <https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/igarape/>. Acesso em: 18 jun. 2021.

Com relação às espécies de planta “açucenas-brancas” e “helicônias”, foram adotadas as mesmas escolhas nas duas traduções, pois ambos os vocábulos têm correspondentes na língua espanhola: “*azucenas blancas*” e “*heliconias*”. Já na tradução de “oitizeiros”, as duas tradutoras optaram por criar plurais a partir de uma das outras denominações da planta nativa brasileira – o “oiti”¹³ -, resolvendo as traduções, respectivamente, como “*oitís*” e “*oities*”.

Por sua vez, no que diz respeito a “batuíras” e “jaçanãs”, espécies de aves encontradas na América do Sul, ocorreu domesticação em “jaçanãs” nos dois casos no TT1, mas apenas no termo “batuíras” do TT2. Quando ocorreu domesticação, as tradutoras escolheram outras espécies de aves sul-americanas, ou, alternativamente, como na tradução de “jaçanãs” no TT2, foi adotado o nome científico da ave: “*jacanas*”.

Quanto a outros substantivos que podemos considerar como marcadores culturais, por sua própria etimologia, os quais tiveram traduções domesticadoras nos dois casos, temos:

Tabela 4

TO	TT1	TT2
Caçula (p. 8)	Benjamín (p. 12)	Menor (p. 12)
Moleques (p. 13)	Mulatos (p. 17)	Mocosos (p. 18)
Titica (p. 8)	Excrementos (p. 12)	Mierda (p. 12)

“Caçula” e “moleque” são palavras que têm origem no quimbundo, uma das línguas faladas em Angola, portanto, sem tradução literal na língua espanhola. Assim sendo, as tradutoras decidiram por traduzir “Caçula” como “*Benjamín*”¹⁴ e “*Menor*”, no TT1 e no TT2, respectivamente, mantendo, nas traduções, a maiúscula inicial que dá ênfase ao apelido pelo qual é tratado o irmão mais jovem (Omar), como no TO. Quanto à tradução de “moleques”, podemos notar que, com relação ao significado das soluções escolhidas pelas tradutoras, as traduções causam certo estranhamento, dado que “*mulato*” designa uma pessoa “*nacida de negro y blanca, o de blanco y negra*”¹⁵ – definição que não corresponde à acepção da palavra “moleque” em português –; e “*mocoso*” é um adjetivo que tem como um de seus significados:

¹³ Disponível em: <https://uenf.br/projetos/arvoresdauenf/especie-2/oiti/>. Acesso em: 13 set. 2021.

¹⁴ Palavra que designa o filho mais jovem de uma família. Disponível em: <https://dle.rae.es/benjam%C3%ADn?m=form>. Acesso em: 18 jun. 2021.

¹⁵ Disponível em: <https://dle.rae.es/mulato?m=form>. Acesso em: 18 jun. 2021.

“*dicho de un niño: atrevido o malmandado*”¹⁶ – sentido que não propriamente se relaciona com o sentido expresso do termo no TO, mas que se pode considerar como aproximado¹⁷.

Já na tradução da palavra “titica”, também de origem africana¹⁸, expressa no trecho “o braço engessado sujo, cheio de **titica** de pássaros” (HATOUM, 2000, p. 8), vemos que nas duas traduções ocorreu a domesticação, mas, considerando que se trata de vocabulário informal, o registro (formal/informal, culto/coloquial) foi modificado na opção adotada no TT1, no sentido de formalidade e eufemístico, e no TT2, ao ser abandonado o teor familiar do original por uma solução mais próxima dos palavrões e xingamentos.

É notável a complexidade cultural presente no TO, se observamos a etimologia dos marcadores culturais destacados, entre eles alguns de origem africana. Trata-se de elementos completamente usuais, que evocam “palavras cotidianamente faladas e herdadas dessas línguas”, demonstrando “a contribuição de termos linguísticos africanos na construção histórica do vocábulo brasileiro” (SILVA, 2016, p. 235).

2.3.3 Vocabulário regional – elementos marcadores amazonenses e árabes

Em se tratando do vocabulário apresentado no TO que é tipicamente utilizado na região Norte do Brasil, particularmente no Amazonas, temos as seguintes palavras e suas respectivas traduções:

Tabela 5

TO	TT1	TT2
Aperreado (p. 11)	Enfadado (p. 14)	Enojado (p. 14)
Curumins (p. 13)	Chiquillos (p. 17)	Chicos (p. 18)
Curica (p. 19)	Alas (p. 27)	Soga (p. 28)
Arraiais (p. 21)	Arrabales (p. 30)	Verbenas (p. 32)
Cunhantãs (p. 21)	Jovenzuelas (p. 30)	Chinitas (p. 32)
Cunhã (p. 55)	Muchacha (p. 82)	Chinita (p. 92)

¹⁶ Disponível em: <https://dle.rae.es/mocoso?m=form>. Acesso em: 18 jun. 2021.

¹⁷ Uma das acepções fornecidas pelo dicionário Dicio para o significado da palavra “moleque” apresenta a seguinte definição: “Garoto muito traquinas; menino muito sapeca e levado”. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/moleque/>. Acesso em: 18 jun. 2021.

¹⁸ A palavra “titica” está listada entre os cento e dez africanismos comuns no Nordeste brasileiro, reunidos pelo autor Mário Marroquim (1934). Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/afroatitudeanas/volume-1-2006/Ana%20Paula%20Puzzinato.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2021.

Nesta seleção notamos a domesticação de todos os vocábulos nas duas traduções. Trata-se de palavras usadas, em sua maioria, como linguagem coloquial, as quais cada uma das tradutoras optou por escolhas distintas em todas as palavras, inclusive com certas marcas geoletais dignas de menção.

Conforme o Dicionário de Amazonês¹⁹, “aperreado” significa “apressado, muito nervoso, sem saber o que fazer diante de uma situação difícil”, sendo usado, no TO, no seguinte contexto: “viu o filho levantar-se, **aperreado**, arriar a calça e mijar de frente para a parede do bar em plena Cinelândia” (HATOUM, 2000, p. 11). Nas duas traduções foram escolhidas palavras sinônimas, “*enfadado*” e “*enojado*”, que expressam sentimentos de raiva, prescindindo, contudo, da ideia de pressa que recolhe o original.

Já a palavra “arraial”, de acordo com o mesmo Dicionário, corresponde a um “comércio de comidas típicas e atividades socioculturais para promover um evento ou uma causa” e apareceu contextualizada na frase: “momento em que as meninas das praças, dos bailes e dos **arraiais** suspiravam” (HATOUM, 2000, p. 21). “Arraial” foi solucionado nas duas traduções por meio de vocábulos com significados diferentes: “*arrabal*”, no TT1, que significa “*barrio fuera del recinto de la población a que pertenece*”²⁰; enquanto “*verbenas*”, no TT2, tem como um de seus significados uma “*fiesta popular con baile que se celebra por la noche, al aire libre y, normalmente, con motivo de alguna festividad*”²¹. Aparentemente, a seleção da tradutora no TT1 se guiou, erroneamente, por uma aparente proximidade formal, quando os significados dos vocábulos presentes no TO e nessa tradução não coincidem.

Quanto aos vocábulos de origem tupi e seus significados, de acordo com o Dicionário de Amazonês: curumim - menino; cunhantã - garota; e cunhã - mulher, todos foram traduzidos por palavras que expressam sentidos semelhantes aos do TO. Há, contudo, uma predileção, completamente esperável, por uma solução americana no TT2: “*chinita*”, no singular ou no plural, diminutivo de “*china*”, para o qual o *Diccionario de Americanismos* recolhe as seguintes acepções no início do verbete correspondente:

china.

1. 1. f. *Mx.* Mujer joven.

2. *Mx.* Mujer acompañante del **charro**, vestida de manera tradicional con telas de colores llamativos, rebozo, blusa blanca bordada y falda ancha y larga con lentejuelas. ♦ **china poblana.**

¹⁹ Disponível em: <https://noamazonaseassim.com/o-amazones/>. Acesso em: 6 jun. 2021.

²⁰ Disponível em: <https://dle.rae.es/arrabal?m=form>. Acesso em: 6 jun. 2021.

²¹ Disponível em: <https://dle.rae.es/verbena?m=form>. Acesso em: 6 jun. 2021.

3. *Ar, Ur. Entre los gauchos*, mujer.
4. *Ec:S, Pe. Mujer indígena adolescente*. rur.
5. *Ch. Mujer del pueblo*, de clase social baja. desp.
6. *Ch. Mujer acompañante del huaso*, *que tradicionalmente lleva un vestido floreado de una pieza y un delantal blanco pequeño que cubre solo su falda*²².

Ainda neste grupo, temos o substantivo “curica”, cujo significado literal corresponde a uma espécie de ave²³, e é empregado no TO no contexto de expressão idiomática/regional: “cortou a curica do Caçula” (HATOUM, 2000, p. 19). A expressão “cortar a curica”, conforme o Dicionário de Amazonês, significa “matar a intenção no nascedouro”, e foi estrangeirizada no TT1 como “*cortó las alas del Benjamín*”, na qual as asas preservam a conexão com a ave do TO. Já no TT2, a solução “*cortó la sogá al Menor*” se afasta deste em maior medida. No entanto, se observar que “soga” é descrita no dicionário da *Real Academia Española* como “*cuerda gruesa de esparto*” e, particularmente na Argentina, como “*tira de cuero para atar a las caballerías o a las reses*”²⁴, pode se encontrar, aqui também, um significado semelhante ao da expressão utilizada no TO.

Em ambos os casos, então, as soluções podem ser consideradas expressões que mantêm o sentido da frase expressa no TO.

Quanto ao vocabulário árabe, podemos identificar alguns exemplos como os seguintes:

Tabela 6 – Substantivos de origem árabe

TO	TT1	TT2
Baba (p. 10)	Babá (p. 14)	Baba (p. 14)
Ra’í (p. 11)	Ra’í (p. 15)	Ra’í (p. 15)
Gazal (p. 32)	Gacella (p. 46)	Gazal (p. 52)
Majnun (p. 77)	Majnun (p. 115)	Majnun (p. 129)
Harami (p. 80)	Harami (p. 80)	Harami (p. 134)
Charmuta (p. 111)	Charmuta (p. 167)	Charmuta (p. 188)

Baba – “papai” em português – é o substantivo pelo qual Yaqub chama o pai, após voltar do Líbano; *ra’í* é o vocábulo usado por Zana para lamentar-se do fato de que, com a partida ao país árabe, o filho Yaqub poderia tornar-se um pastor que guia animais no pasto: “Meu filho vai voltar um matuto, um pastor, um *ra’í*” (HATOUM, 2000, p. 11); *gazal* (variação de “gazel”)

²² Disponível em: <https://lema.rae.es/damer/?key=china>. Acesso em: 6 jun. 2021.

²³ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/curica/>. Acesso em: 6 jun. 2021.

²⁴ Disponível em: <https://dle.rae.es/soga?m=form>. Acesso em: 21 jun. 2021.

é um tipo de “poesia amorosa, geralmente erótica”²⁵; *majnun* é o adjetivo usado por Halim para definir Omar, quando descobre, por Yaqub, que o filho caçula estivera sumido, ausentando-se das aulas em São Paulo: “*Majnun!* Um maluco, esse Omar!”; *harami* é outro termo utilizado para fazer referência a Omar, no momento em que Yaqub descobre que o irmão roubara o dinheiro que ele escondia entre as páginas de um livro: “Um *harami*, ladrão!”; e *charmuta* é a palavra usada por Zânia para insultar Pau-mulato, mulher com quem Omar viveu um romance do qual os pais eram contrários: “Uma *charmuta*, uma puta!”. Nestes casos, ocorreu a estrangeirização de todos os termos, sendo mantida a grafia apresentada no TO nas duas traduções, inclusive os itálicos, exceto por “*baba*” e “*gazal*”, no TT1, que foram domesticados.

E, ao compararmos o vocabulário regional amazonense com o vocabulário árabe dos exemplos acima, vemos que ocorreu maior variação nas traduções em relação à seleção de palavras em português, pois estas foram domesticadas em todos os casos, enquanto nas traduções dos termos árabes apenas duas palavras foram domesticadas, com todo o restante permanecendo igual ao apresentado no TO.

2.3.4 Vocabulário gastronômico

A categoria de vocabulário gastronômico é uma das mais ricas dentre as analisadas na obra. Inclui, principalmente, peixes de água doce e pratos elaborados com ingredientes regionais. E assim como observado em trechos vistos anteriormente, o TT1 mantém a tendência de estrangeirizar a maioria dos vocábulos, enquanto o TT2 mantém a tendência de domesticá-los.

Quanto aos nomes de peixes, temos os seguintes exemplos:

Tabela 7

TO	TT1	TT2
Pirarucu (p. 29)	Pez rojo (p. 42)	Pirarucú (p. 46)
Matrinxã (p. 31)	Mamuri (p. 45)	Matrinxa (p. 50)
Surubim (p. 32)	Surubí (p. 46)	Surubí (p. 51)
Pacu (p. 78)	Pacú (p. 116)	Pacú (p. 130)
Piabas (p. 90)	Peces pequeños (p. 134)	Peces grandes (p. 150)
Piraíbas (p. 90)	Peces gordos (p. 134)	Mojarritas (p. 150)

²⁵ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/gazel/>. Acesso em: 21 jun. 2021.

Todos estes elementos têm origem tupi²⁶, o que influenciou diretamente na escolha adotada para “pirarucu” no TT1, para a qual a tradutora se utilizou do significado do vocábulo original em tupi: pi'ra (peixe) + uru'ku (vermelho)²⁷, com uma solução domesticadora. Em contrapartida, no TT2 a tradutora optou pela estrangeirização do mesmo vocábulo, alterando apenas sua grafia com o acréscimo do acento gráfico. Já no caso de “matrinxã”, ocorreu mais uma vez a domesticação do vocábulo no TT1, ao passo que no TT2 houve a estrangeirização, com alteração na grafia da palavra, que teve o sinal diacrítico removido na última sílaba. E nos exemplos listados acima a seguir, as duas tradutoras optaram pela domesticação, com destaque para os dois últimos – “piabas” e “piraíbas” –, que tiveram traduções muito diferentes das palavras apresentadas no TO, o que pode ser justificado, no caso do TT1, pelo fato de que, provavelmente, aqueles classificados como piabas incluem vários tipos de peixes pequenos, donde a tradução “*peces pequeños*”. Por sua vez, o peixe da espécie piraíba pode alcançar três metros de comprimento²⁸; por isso, possivelmente, mesmo com deslocamento para o peso e fim de se afastar de “*peces pequenos*”, a tradução “*peces gordos*”.

Agora, no que diz respeito a ingredientes, plantas, frutas e condimentos utilizados na culinária local, temos:

Tabela 8

TO	TT1	TT2
Tucumãs (p. 27)	Tucumas (p. 39)	Tucumas (p. 43)
Macaxeira (p. 32)	Mandioca (p. 46)	Mandioca (p. 51)
Murupi (p. 41)	Pimienta amarilla (p. 59)	Murupi (p. 67)
Zatar (p. 41)	Zatar (p. 59)	Zatar (p. 67)
Tucupi (p. 41)	Tucupi (p. 59)	Tucupí (p. 67)
Mandioca brava (p. 48)	Mandioca silvestre (p. 71)	Mandioca brava (p. 79)
Pupunha (p. 58)	Pupunha (p. 87)	Pupuña (p. 98)

²⁶ Pirauru'ku: pi'ra no sentido de 'peixe' + uru'ku no sentido de 'tintura, almagre'; matrinxã: ma-tirĩ-chã no sentido de 'coisa que escapole da linha [do anzol]; coisa avessa à linha' ("É o nome de um peixe do rio São Francisco."); surubim (surubi): suru'wi no sentido de 'espécie de peixe'; pacu: pa'ku, de pag + u no sentido de 'rápido no comer'; piaba: pi'awa no sentido de 'nome de pequeno peixe fluvial'; piraíba: pira'iwa derivado de(o) pi'ra no sentido de 'peixe' + a'iwa no sentido de 'ruim'. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 15 set. 2021.

²⁷ Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#1. Acesso em: 15 set. 2021.

²⁸ Disponível em: <https://www.cpt.com.br/artigos/peixes-de-agua-doce-do-brasil-piraiba-brachyplatystoma-filamentosum>. Acesso em: 15 set. 2021.

Observamos que houve um equilíbrio entre domesticação e estrangeirização nas escolhas adotadas no TT1, enquanto, no TT2, a maioria dos substantivos foi estrangeirizada.

Nas duas traduções, o termo “tucumã”, que designa uma fruta típica da Amazônia, sofreu apenas a supressão do sinal diacrítico, mantendo-se, portanto, estrangeirizado. Já no caso da tradução de “macaxeira”, ocorreu domesticação em ambos os casos.

Nos casos de “murupi” – espécie de pimenta – e “mandioca brava”, a tradutora do TT1 escolheu domesticar os substantivos, mas no TT2, a tradutora optou por estrangeirizá-los – destacando “murupi” em itálico. No tocante a “zatar” – mistura de especiarias utilizada no Oriente Médio – e de “tucupi” – caldo extraído da raiz da mandioca brava –, as duas tradutoras optaram pela tradução estrangeirizante. E, na tradução de “pupunha”, houve estrangeirização no TT1, e domesticação por meio da alteração da grafia da palavra no TT2.

Finalmente, com relação a pratos e bebidas, temos:

Tabela 9

TO	TT1	TT2
Farofa (p. 31)	Farofa (p. 45)	Farofa (p. 50)
Arak (p. 32)	Arac (p. 46)	Arak (p. 51)
Tapioca (p. 50)	Tapioca (p. 74)	Tapioca (p. 83)
Quibe cru (p. 54)	Kebab cru (p. 80)	Quibe cru (p. 90)
Tacacá (p. 74)	Tacacá (p. 110)	Tacacá (p. 123)
Tabule (p. 89)	Tabule (p. 132)	Tabule (p. 149)

Por serem tratados como nomes próprios, boa parte dos pratos típicos da região amazônica e árabes não sofreram alterações e, portanto, aparecem estrangeirizados. Assim ocorrem todos estes substantivos no TT1 e no TT2 – com itálico em “farofa” e “*arak*” no TT2 –, com a exceção de “*arak*” e “quibe cru” no TT1, já que a tradutora optou por mudar a grafia do primeiro para “arac” e trocar “quibe” por “*kebab*”, prato diferente do apresentado no TO. Outro elemento que chama a atenção é que, no TT2, a tradutora opta por uma grafia distinta das utilizadas de forma mais comum no espanhol: “*kibbeh*” ou “*kibbe*”.

Em suma, observamos que nesta categoria também o TT1 mantém a propensão de domesticar a maioria dos vocábulos, ao passo que o TT2 a de estrangeirizá-los, exceto pelo grupo de pratos e bebidas, no qual constatamos uma maioria de traduções estrangeirizantes nos dois casos. Deste modo, concluímos o segundo capítulo deste projeto final e nos dirigimos, em

seguida, às considerações finais, com o fim de sintetizar as análises elaboradas ao longo deste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionado na introdução, a elaboração deste Projeto Final foi dedicada a analisar as ocorrências de domesticação e estrangeirização nos vocábulos selecionados como elementos marcadores – sobretudo, vocábulos tipicamente regionais –, com o objetivo de comparar essas escolhas, do ponto de vista cultural, nas duas traduções para a língua espanhola, de 2003 e 2007, da obra *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, existentes à época de redação.

Para tanto, a discussão se inicia traçando um panorama sobre a relação que se estabelece entre cultura e tradução, especialmente no que diz respeito ao texto literário, como base para o entendimento do processo de tradução cultural, contexto no qual se insere o objeto de estudo.

De acordo com o observado no primeiro capítulo, o texto literário, com todas as suas particularidades, torna-se ainda mais complexo quando apresenta diversidade cultural, como é o caso de *Dois Irmãos*, em que há a presença de vocabulários pertencentes a diferentes culturas.

Dentro desse contexto, em termos tradutórios, buscou-se examinar o uso da estrangeirização e da domesticação, comparativamente, em ambas as traduções citadas, com o fim de observar a tendência predominante em cada uma delas. Assim, por meio da compilação de termos e sua organização em tabelas de três colunas – o texto original (TO), o primeiro texto traduzido (TT1) e o segundo (TT2) –, com destaque sombreado àqueles plenamente estrangeirizados nos dois casos, foram formuladas hipóteses quanto às escolhas adotadas por cada tradutora.

Com esta pesquisa, foi possível concluir que no TT1 predomina a utilização de estrangeirização, ao passo que o TT2 se caracteriza por uma prevalência da domesticação. Como justificativa provável para essas escolhas, foi sugerido o fato de que a primeira tradução publicada tinha como público-alvo todos os países de língua hispana; já a segunda fez parte de um projeto para tradução de obras que já contava com traduções anteriores.

No entanto, em que pese o predomínio constatado de uma estratégia em cada uma das traduções, concluiu-se ter ocorrido um equilíbrio nas soluções adotadas, nos dois casos, a depender do contexto em que é encontrado cada vocábulo na obra. Nesse sentido, este trabalho vem corroborar a afirmação de Britto (2012, p. 61-62), citada anteriormente, conforme o qual “essas duas estratégias, na verdade, representam mais um par de ideais absolutos inatingíveis; na prática, o que sempre fazemos é (...) adotar posições intermediárias entre os dois extremos”. Como ilustra este trabalho, é nesse complexo equilíbrio que a tradução se constrói. E, finalmente, para desdobramentos futuros desta pesquisa, fica a sugestão de contato com as

autoras das traduções – com o fim de ampliar as perspectivas acerca de seus respectivos encargos e escolhas adotadas –, bem como análise sobre a recepção das traduções dos marcadores culturais por parte de um ou mais públicos-alvo.

REFERÊNCIAS

AGRA, Klondy Lúcia Oliveira de. **A integração da língua e da cultura no processo de tradução**. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, 2007. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/agra-klondy-integracao-da-lingua.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2020.

ALBÓ, Xavier. **Cultura, interculturalidade, inculturação**. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2004.

ANDREEVA, Yana. A Manaus dos imigrantes na ficção de Milton Hatoum. **Études Romanes de Brno**, República Tcheca, v. 37, 2016, p. 59-67. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11222.digilib/135633>. Acesso em: 19 abr. 2020.

ASSIS, Rodirlei Silva. Dois Irmãos ou um “eu” dividido. **Revista Alere**, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários - PPGEL, Mato Grosso, ano 5, v. 6., n. 6, dez. 2012, p. 151-172. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/alere/article/view/511>. Acesso em: 15 abr. 2020.

AUBERT, Francis Henrik. Desafios da Tradução Cultural (As Aventuras Tradutórias do Askeladden). **TradTerm**, São Paulo, v. 2, 1995, p. 31-44. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49913/54030>. Acesso em: 20 abr. 2020.

AZENHA JUNIOR, João. Transferência cultural em tradução: contextualização, desdobramentos, desafios. **TradTerm**, São Paulo, v. 16, 2010, p. 37-66. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/tradterm/article/view/46311>. Acesso em: 20 abr. 2020.

BORGES, Ana Isabel; NERCOLINI, Marildo José. A (im)possibilidade da tradução cultural. In: **Congresso Brasileiro de Hispanistas**, São Paulo, ano 2, out. 2002. Proceedings online. Associação Brasileira de Hispanistas. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000012002000300006&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 26 maio 2020.

BORGES, Kárita Aparecida Paula de. **Dois Irmãos de Milton Hatoum: um olhar que vem do Norte**. Universidade de Brasília, 2010. Dissertação (mestrado). 106 f. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/8268>. Acesso em: 19 abr. 2020.

BRANCO, Sinara Oliveira de. Linguística, tradução e estudos culturais. **Revista Eutomia**, Pernambuco, ano 3, v. 1, n. 6, dez. 2010. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1726/1309>. Acesso em: 17 abr. 2020.

BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/277866810/Henriques-Britto-Paulo-A-Traducao-Literaria>. Acesso em: 17 abr. 2020.

BUSTAMANTE, Cecilia Mafla. **Arí - sí - yes: análisis lingüístico y evaluación de las traducciones de Huasipungo al inglés**. 1 ed. Quito: Abya-Yala, 2004. Disponível em: https://digitalrepository.unm.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=https://www.google.com/&http_sredir=1&article=1529&context=abya_yala. Acesso em: 26 maio 2020.

CANEDO, Daniele. **“Cultura é o quê?” - reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos**. V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura - Faculdade de Comunicação/UFBA, 2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19353.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2020.

COSTA, Andréa Moraes de. **John Gledson reescreve Milton Hatoum: a teoria e a experiência da tradução cultural**. 2016. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/138054>. Acesso em: 6 jul. 2021.

FRANCISCO, Reginaldo. Estrangeirização e domesticação: indo além de mais uma dicotomia. **Revista Scientia Translationis**, Florianópolis, n. 16, 2014, p. 91-100. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2014n16p91>. Acesso em: 30 maio 2020.

FRISENE, Patrícia Dias Reis. A tradução de termos culturalmente marcados em Dois irmãos/The bothers, de Milton Hatoum. **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 41, n. 2, 2016, p. 898-909. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1207>. Acesso em: 6 jul. 2021.

GALINDO, Caetano Waldrigues. Pode o intraduzível traduzir-se. Deve. **Eixo Roda**, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, p. 11-28, 2018. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/13257. Acesso em: 26 maio 2020.

HATOUM, Milton. **Dois Irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Disponível em: <https://lelivros.love/book/baixar-livro-dois-irmaos-milton-hatoum-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>. Acesso em: 3 mar. 2019.

_____, Milton. **Dos Hermanos**. Tradução de Adriana Kanzepolsky. Argentina: Beatriz Viterbo Editora, 2007.

_____, Milton. **Dos Hermanos**. Tradução de Juana Inajeros. Espanha: Ediciones Akal, S. A., 2003.

KRAESKI, Gisele Cristina; MANTOVANI, Antonio Aparecido. A cultura e a sociedade manauara em Dois Irmãos, de Milton Hatoum: o contexto desprivilegiado de Domingas, **Nova Revista Aamazônica**, v. 7, n. 1, abril 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/6984>. Acesso em: 15 abr. 2020.

LEAL, Alice. Funcionalismo e tradução literária: o modelo de Christiane Nord em três contos ingleses contemporâneos. **Scientia Traductionis**, n. 2, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/12916/12060>. Acesso em: 19 abr. 2020.

LIMA, Graciele Morais de. **Tradução de expressões idiomáticas: marcas culturais que influenciam no processo de tradução do capítulo da telenovela Si yo fuera rico, el sueño de todo chileno**. 2018. 51 f. Trabalho de conclusão de curso – Universidade Federal da Fronteira Sul. Versão eletrônica. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/2844/1/LIMA.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

LUIZ, Lucas Silva da. **História e ficção em Manaus do século XX: “Dois Irmãos”, de Milton Hatoum**. Universidade Federal de Uberlândia, 2020. Dissertação (mestrado). 101 f. Disponível em: <http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/30388>. Acesso em: 4 jul. 2021.

MATAR, Nisreene. **O encontro do Rio Negro e o Mar Mediterrâneo: uma análise dos termos culturalmente marcados na tradução para o árabe do romance Dois Irmãos, de Milton Hatoum**. 2020. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Estudos Judaicos e Árabes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8159/tde-31072020-204336/en.php>. Acesso em: 6 jul. 2021.

PELLEGRINI, Tania. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. **Luso-Brazilian Review**, v. 41, n. 1, 2004, p. 121-138. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/173647/pdf>. Acesso em: 22 abr. 2020.

PUZZINATO, Ana Paula; AGUILERA, Vanderci Andrade de. A presença de africanismos na língua portuguesa do Brasil. **Revista Afroatitudeanas**, n. 1, 2006. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/afroatitudeanas/volume-1-2006/Ana%20Paula%20Puzzinato.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2021.

RIBEIRO, Marina Porto; FLEITH, Denise de Souza. Criatividade e Multiculturalismo: Revisão de Literatura. **Trends in Psychology/Temas em Psicologia**, v. 26, n. 2, p. 943-956. Ribeirão Preto, Abr./Jun. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2358-18832018000200943&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 15 abr. 2020.

ROSAS, Marta. Por uma teoria da tradução do humor. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica Aplicada**, v. 19, n. especial 2003, p. 133-161. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/k5Sp5Bm7JThQW7xLmmQ6j3b/?lang=pt>. Acesso em: 30 maio 2020.

SCHNELL, Bettina; RODRÍGUEZ, Nadia. Análisis contrastivo de traducciones como aproximación a la enseñanza de la traducción literaria. Reflexiones basadas en las traducciones de “La casa de los espíritus” (Isabel Allende) al alemán y al francés. **Mutatis Mutandis**, Medellín - Colômbia, v. 2, n. 2, 2009, p. 263-281. Disponível em: <https://revistas.udea.edu.co/index.php/mutatismutandis/article/view/2521/2572>. Acesso em: 27 maio 2020.

SILVA, Andreia Sousa da. Linguagem e Africanidades: a contribuição de termos linguísticos africanos na construção histórica do vocábulo brasileiro. **Vozes, Pretérito & Devir**. Dossiê Temático: História, África e Africanidades. Piauí, ano III, v. 6, n. 1, 2016. Disponível em: <http://revistavozes.uespi.br/ojs/index.php/revistavozes/article/view/136>. Acesso em: 15 ago. 2021.

SILVA, Beatriz Paula de; Samantha Moura de. Arabismos do português brasileiro: a herança da imigração. **Revista desenredos**, Piauí, ano IV, n. 14, 2012. Disponível em: <http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/14-Artigo-Samantha-Beatriz-Arabismos.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2021.

SILVA, Maria Lucilia Pereira da; SIQUEIRA, Kárpio Márcio de. A relevância cultural na tradução. **Revista Rios Eletrônica** - Revista Científica da FASETE, ano 6, n. 6, dez. 2012. Disponível em: https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2012/6/a_relevancia_cultural_na_traduc_ao.pdf. Acesso em: 17 abr. 2020.

VASCONCELOS, Luciana Machado de. *In*: ALMEIDA, Maria Cândida Ferreira de. **Mais definições em trânsito**. Salvador: Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. 2007. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/INTERCULTURALIDADE.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2020.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility: A history of translation**. Londres: Nova York: Routledge, 1995 (Translation Studies 5).

WEISSMANN, Lisette. Multiculturalidade, Transculturalidade, Interculturalidade, **Revista Construção Psicopedagógica**, v. 26, n. 27. São Paulo, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542018000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 abr. 2020.

WIDMAN, Julieta; ZAVAGLIA, Adriana. Domesticação e estrangeirização em duas traduções para o inglês de A Paixão Segundo G. H., de Clarice Lispector. **Cad. Trad.**, Florianópolis, v. 37, n. 1, p. 90-118, jan-abril 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ct/v37n1/2175-7968-ct-37-1-0090.pdf>. Acesso em: 30 maio 2020.

PÁGINAS WEB E MATERIAIS CONSULTADOS

Árvores da UENF. Disponível em: <https://uenf.br/projetos/arvoresdauenf/especie-2/oiti/>. Acesso em: 15 set. 2021.

Asociación de Academias de la Lengua Española. Diccionario de Americanismos. Disponível em: <https://lema.rae.es/damer/?key=china>. Acesso em: 6 jun. 2021.

Diccionario Panhispánico de Dudas. Disponível em: <https://www.rae.es/dpd/Manaos>. Acesso em: 22 jun. 2021.

Dicionário de Amazonês. Disponível em: <https://noamazonaseassim.com/o-amazones/>. Acesso em: 6 jun. 2021.

Dicionário Houaiss *Online*. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 15 set. 2021.

Dicionário *Online* de Português - Dicio. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/multi/>. Acesso em: 16 abr. 2020.

Dicionário Tupi-guarani. Disponível em: <https://www.dicionariotupiguarani.com.br>. Acesso em: 18 jun. 2021.

Peixes de água doce do Brasil - Piraíba (*Brachyplatystoma filamentosum*). Cursos CPT. Disponível em: <https://www.cpt.com.br/artigos/peixes-de-agua-doce-do-brasil-piraiba-brachyplatystoma-filamentosum>. Acesso em: 15 set. 2021.

Programa de Apoyo a la Traducción y Publicación de Autores Brasileños en el Exterior. Biblioteca Nacional, 2020. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/es/explorar/programas-de-apoyo/programa-apoyo-la-traduccion-y-publicacion-autores>. Acesso em: 6 maio 2021.

Real Academia Española. Disponível em: <http://www.rae.es>. Acesso em: 18 jun. 2021.